



Expedições Democráticas

Rastreando o discurso iliberal: Como a retórica da extrema direita erode a democracia antes que as políti- cas restritivas entrem em vigor

Lisa Zanotti e Hugo Marcos-Marné

A estrutura interna das tendências iliberais – e as palavras que se escondem por trás dela

Em 6 de janeiro de 2021, uma multidão invadiu o Capitólio dos EUA. Dois anos depois, em 8 de janeiro de 2023, um ataque semelhante ocorreu na Praça dos Três Poderes, no Brasil. Essas ações não aconteceram de forma isolada. Pelo contrário, foram consequência de anos de campanhas retóricas contínuas que deslegitimaram os processos eleitorais, caracterizaram os oponentes políticos como ameaças existenciais e normalizaram a violência como uma ferramenta política legítima. Antes do ataque às instituições, houve o ataque à linguagem. No entanto, atores democráticos em todo o mundo continuam concentrados de forma desproporcional em rastrear mudanças políticas – como restrições à imigração, nomeações judiciais e regulamentações da mídia –, enquanto a base discursiva para essas políticas está à

vista de todos, normalizada pela repetição e difundida a partir da periferia radical em direção à política dominante.

Para enfrentar de forma eficaz as consequências antidemocráticas da onda global da extrema direita, devemos primeiro compreender a linguagem como sua principal arma.

Por que o discurso importa mais do que pensamos

Os partidos de extrema direita contemporâneos raramente defendem a destruição total da democracia. Ao contrário dos movimentos fascistas do século XX, os atores iliberais de hoje atuam dentro dos sistemas democráticos, erodindo-os por dentro (Rovira Kaltwasser et al. 2024). Suas estratégias são mais sutis e, possivelmente, mais perigosas, pois tentam ocultar quaisquer elementos que possam ser inaceitáveis para grandes setores da população. Essa abordagem se baseia em um ataque contínuo

às instituições e normas que protegem os direitos das minorias, garantem a independência judicial e a liberdade de imprensa. Tudo isso é feito por meio da retórica, muito antes que políticas e comportamentos iliberais tangíveis entrem em vigor.

Isso é importante pela simples razão de que o discurso não exige a tomada do controle do Estado. Atores da oposição, candidatos sem poder governamental e empreendedores extra-institucionais podem utilizar noções iliberais para reformular o que é considerado legítimo, possível e até mesmo de «senso comum» (Newth e Scopelliti 2025). As estratégias retóricas, ao contrário da implementação de políticas, são de baixo custo e alta difusão, o que ajuda a explicar por que a erosão discursiva geralmente precede a mudança institucional.

O «efeito de contágio» almejado pelos partidos de extrema direita está bem estabelecido. Pesquisas demonstram como (especialmente) os partidos conservadores tradicionais, sob pressão eleitoral, tendem a acomodar posições de extrema direita, adotando plataformas restritivas sobre imigração, crime e «soberania» (Meguid, 2008; Abou-Chadi e Krause, 2020). Nossa contribuição busca rastrear esse efeito no âmbito do discurso, onde a batalha é travada primeiro e onde a intervenção precoce ainda é possível..

O que medimos: dois pilares, sete arenas

Com base no trabalho fundacional de Robert Dahl (1971), entendemos a democracia liberal como assentada em dois pilares necessários: a contestação pública (alternativas organizadas podem competir livremente sob a proteção das liberdades civis e de informação?) e a participação inclusiva (o sufrágio é amplo e as eleições são limpas?).

Traduzimos esses pilares em sete arenas institucionais concretas nas quais os líderes sinalizam seus compromissos democráticos – ou a falta deles:

Contestação:

- (i) liberdades civis (discurso, reunião, expressão);
- (ii) mídia e informação alternativa (liberdade de imprensa, pluralismo);
- (iii) pluralismo e oposição (legitimidade dos rivais, aceitação da dissidência);
- (iv) direito de organização (sindicatos, associações, protestos);
- (v) freios e contrapesos e estado de direito (independência judicial, responsabilização horizontal)

Participação:

- (vi) integridade eleitoral (eleições livres e justas, disputa de cargos);
- (vii) cidadania inclusiva (sufrágio amplo, critérios de adesão).

O discurso iliberal, portanto, inclui a retórica que restringe a contestação e/ou limita a participação. Exemplos frequentes incluem a deslegitimação de oponentes, a politização dos tribunais, a pressão sobre a mídia, a exclusão de minorias e o questionamento da legitimidade eleitoral.

Nossa análise se baseia em milhares de entrevistas com líderes políticos de todo o espectro ideológico na Espanha e na Argentina. Nesses dois casos, incluímos variações no desenho institucional (parlamentarismo versus presidencialismo), no posicionamento da extrema direita (oposição consolidada versus vitória de insurgentes) e nas estruturas da direita tradicional (fortes versus fracas). Para cada líder, mensuramos tanto a intensidade dos sinais iliberais (quão extrema é a retórica) como a ênfase dada a eles (com que frequência são utilizados), possibilitando comparações entre e dentro dos contextos.

Utilizamos um extenso modelo de linguagem (GPT-5) para codificar as transcrições das entrevistas, tratando cada resposta de um líder como uma observação e identificando a frequência e a intensidade com que a retórica iliberal aparecia. Cada resposta foi pontuada de 1 (completamente liberal) a 4 (completamente iliberal), num total de 255 entrevistas e 2.572 respostas individuais.

O que descobrimos: dois padrões, um manual

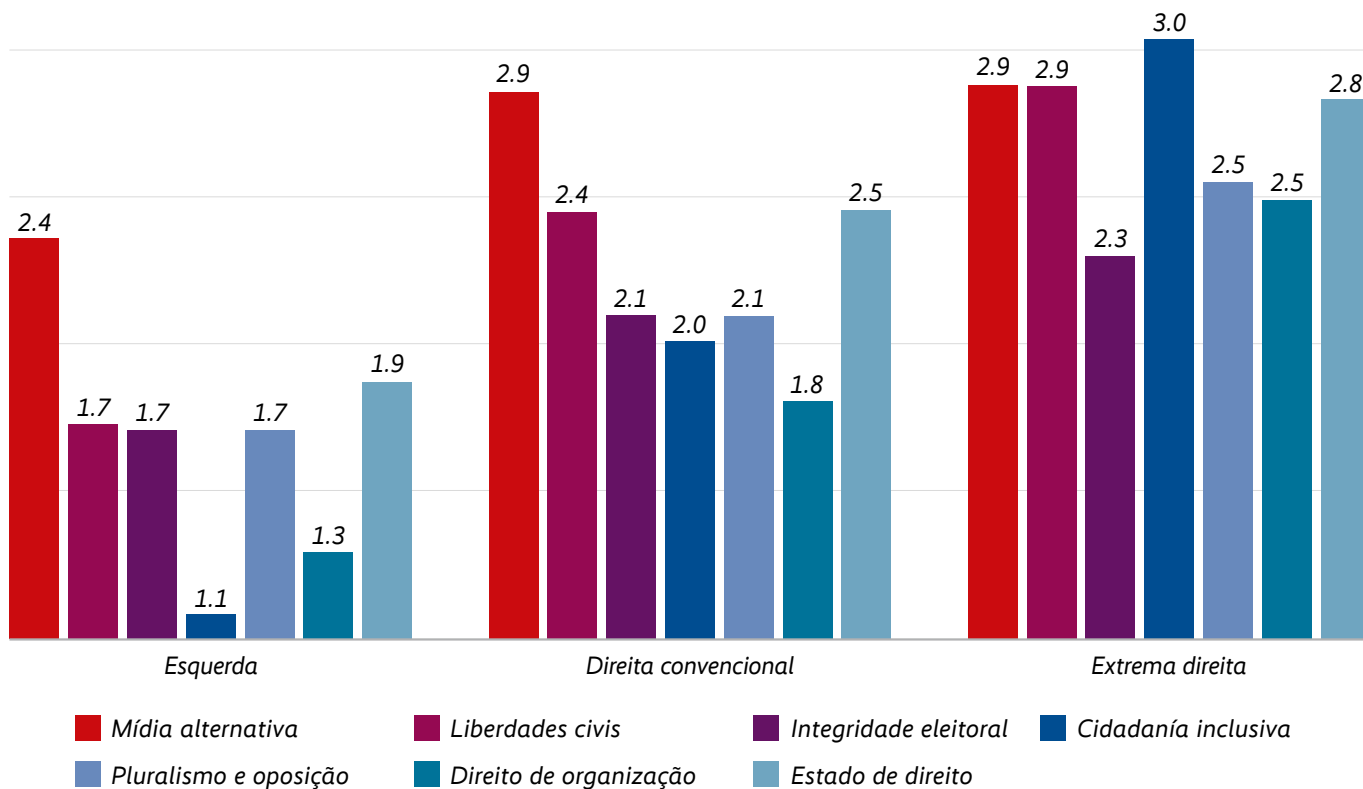
Espanha: um gradiente claro

A importância do discurso iliberal na Espanha depende fortemente da ideologia. O Vox de Santiago Abascal obtém a pontuação mais alta em quase todas as dimensões, exceto na de «mídia alternativa». Os líderes da direita tradicional (do Partido Popular)¹ situam-se no meio, com uma pontuação notavelmente alta em mídia alternativa, mas mais moderados em relação ao Estado de Direito e às liberdades civis. Os líderes de esquerda permanecem consistentemente os mais liberais em todas as dimensões (v. figura 1).

Esse padrão se acentua quando se consideram os valores relativos. A média ponderada pela relevância do Vox atinge 2,72 em contestação, em comparação com 1,81 da esquerda. No geral, aproximadamente 84% da retórica iliberal na Espanha tem como alvo a contestação (mídia, tribunais, pluralismo) em vez da participação. A mensagem é clara: a estratégia iliberal espanhola concentra-se em deslegitimar

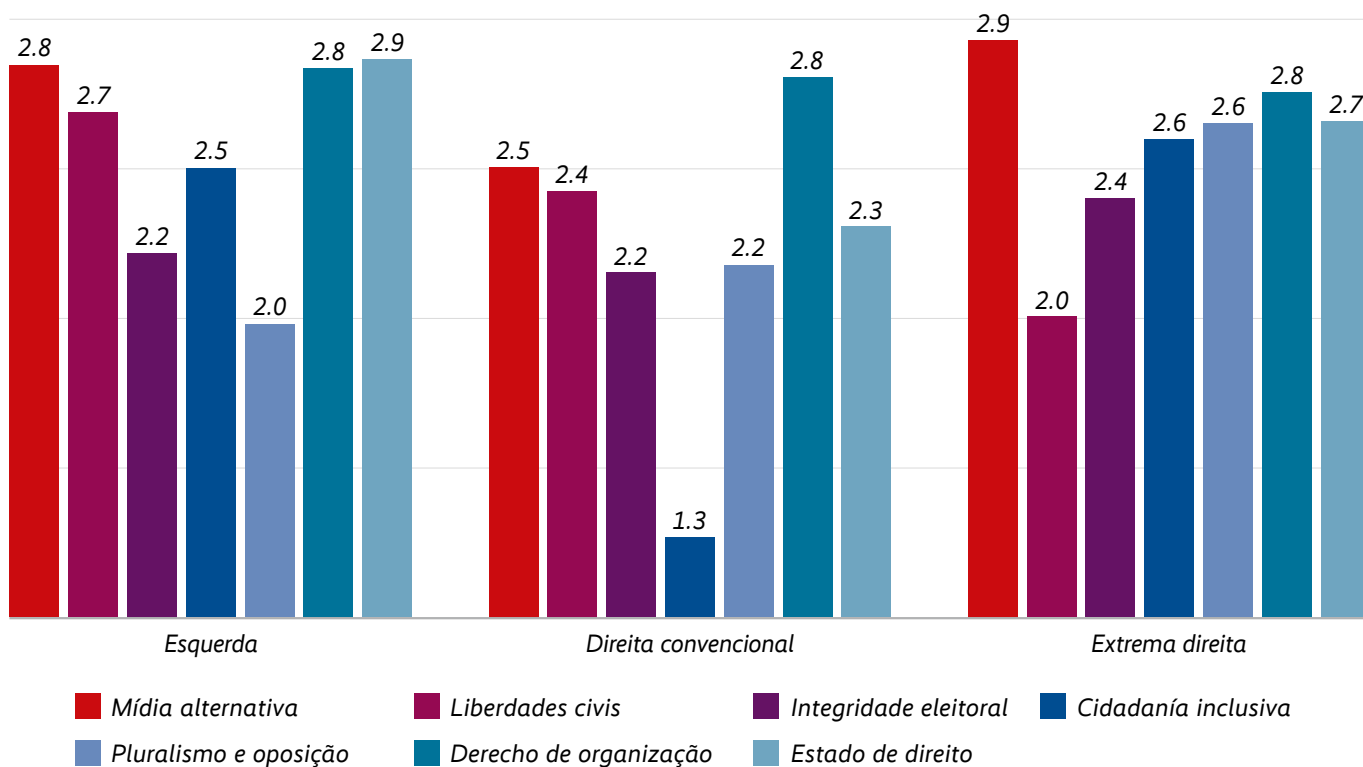
1 Os líderes do PP que analisamos são Pablo Casado e Alberto Nuñez de Feijó

Intensidade da tendência iliberal no discurso dos líderes espanhóis



Fuente: elaboración de los autores

Intensidade da tendência iliberal no discurso dos líderes argentinos



Fuente: elaboración de los autores

rivais, politizar os tribunais e atacar a liberdade de imprensa, e essas estratégias são muito mais prevalentes no discurso da extrema direita.

Argentina: uma configuração bipolar

A figura 2 mostra que a Argentina apresenta uma situação mais complexa: um padrão em forma de U no qual os discursos da extrema direita e da esquerda² convergem em níveis iliberais semelhantes e elevados, enquanto a direita tradicional ancora a linha de base liberal.

O iliberalismo de extrema direita de Javier Milei mira principalmente a mídia/informação alternativa e o pluralismo/oposição, mas também a dimensão de freios e contrapesos/Estado de direito. Isso é coerente com sua autodescrição como «antiestablishment e libertária», que se baseia fortemente na deslegitimação sistemática dos rivais.

Surpreendentemente, o discurso da esquerda argentina exibe os meios mais iliberais em relação aos mecanismos de controle e equilíbrio de poderes/Estado de direito e à mídia alternativa, indicando uma postura rígida em relação à supervisão judicial e à esfera da informação. O discurso da direita tradicional (Juntos por el Cambio) é comparativamente mais liberal, especialmente no que diz respeito à integridade eleitoral e à cidadania inclusiva.

Na ponderação, tanto a extrema direita como a esquerda atingem níveis gerais em torno de 2,65 a 2,66, impulsionadas principalmente por seu foco constante em mecanismos de controle e equilíbrio de poder, mídia e oposição. A pontuação mais baixa da direita tradicional (em torno de 2,3) reflete tanto uma intensidade moderada quanto uma distribuição mais equilibrada da atenção retórica.

O fio conductor

Apesar das diferentes configurações – o gradiente linear da Espanha versus a bipolaridade da Argentina –, surge aqui um padrão subjacente. O iliberalismo se difunde por meio de ataques à responsabilização horizontal e à esfera da informação. Os líderes repetidamente promovem restrições não triviais ou politização (com pontuação de 2,3 a 2,9 em nossa escala) nas áreas associadas à contestação. Esses sinais iliberais de médio alcance, usados com frequência, importam ainda mais do que declarações extremas feitas de forma ocasional porque normalizam a pressão sobre o ecossistema da informação, a independência judicial e o pluralismo.

O discurso sobre participação é escasso em ambos os países. Quando surge, contribui de maneiras diferentes: a extrema direita espanhola utiliza uma retórica claramente ex-

cludente sobre cidadania, enquanto os padrões argentinos concentram o iliberalismo na contestação, independentemente do bloco político.

Além da intensidade: o poder da repetição

Medir o quão antiliberais os líderes soam é apenas metade da história. Também precisamos saber com que frequência eles utilizam essas perspectivas. Um líder pode ter uma pontuação moderadamente iliberal (em torno de 2,5) ao discutir tribunais ou mídia, mas, se ele retornar a esses tópicos de forma repetida, entrevista após entrevista, essa mensagem persistente molda o discurso público muito mais do que declarações extremas ocasionais.

Desse modo, portanto, combinamos a intensidade com a ênfase, ponderando nossas pontuações segundo a frequência com que cada líder aborda cada âmbito institucional. Isso revela dois padrões cruciais.

Primeiro, o discurso iliberal mira sobretudo a contestação, não a participação. Na Espanha, cerca de 84% das menções codificadas em todos os blocos políticos se concentram na contestação; na Argentina, esse número sobe para aproximadamente 90%.

Em segundo lugar, a frequência amplifica o risco. Na Espanha, quando consideramos a ênfase, a pontuação ponderada do Vox sobre contestação atinge 2,72, em comparação com 1,81 para a esquerda, uma diferença impulsionada tanto por um conteúdo mais iliberal como por um uso mais frequente. A direita tradicional fica em 2,37, sugerindo alguma acomodação retórica. Na Argentina, tanto a extrema direita (Milei, 2,65) como a esquerda (2,66) convergem para níveis semelhantes quando ponderados pela frequência, enquanto a direita tradicional permanece mais baixa, em 2,30. Essas pontuações intermediárias (2,3–2,9), repetidas com frequência suficiente, normalizam a pressão sobre as instituições democráticas sem exigir linguagem extrema em nenhum caso específico.

Em suma, a estratégia iliberal funciona através da repetição. Ataques de médio alcance contra tribunais, mídia e pluralismo, utilizados de forma consistente em centenas de entrevistas, têm mais peso do que declarações incendiárias isoladas. É por isso que a detecção precoce no nível discursivo é essencial; quando as políticas mudam, a batalha retórica já foi vencida.

Por que isso importa: um sistema de alerta precoce

Nossas conclusões oferecem três perspectivas cruciais para a defesa da democracia:

² Em nossa análise, a líder de esquerda em questão é Cristina Fernández de Kirchner, enquanto na centro-direita nos concentramos em Mauricio Macri

1. O manual dos iliberais é previsível. Atores de extrema direita em diversos contextos empregam estratégias retóricas notavelmente semelhantes: deslegitimar rivais, politizar tribunais, atacar a independência da mídia. Essa consistência torna a ameaça identificável e, portanto, passível de ser enfrentada.
2. O contágio é real e rastreável. O padrão de gradiente da Espanha sugere uma acomodação da direita tradicional à retórica da extrema direita, particularmente na mídia e nos mecanismos de controle e equilíbrio de poder. A menor força da direita tradicional na Argentina mostra como a fragmentação institucional afeta os caminhos de contágio e pode até mesmo revelar efeitos generalizados de contágio em todo o espectro ideológico. Compreender essas dinâmicas permite intervenções direcionadas.
3. O discurso é um sinal de alerta precoce. Quando as políticas restritivas são aprovadas, a batalha discursiva já está perdida. Nosso marco de análise funciona como uma ferramenta de diagnóstico, identificando onde a retórica iliberal está sendo normalizada antes que se torne lei ou mesmo que tenha expressões violentas fora das instituições.

Recomendações: onde concentrar os esforços na defesa democrática

Com base nessas constatações, recomendamos que os formuladores de políticas e a sociedade civil priorizem os seguintes pontos:

- Proteja o ecossistema da informação. A mídia e a informação alternativa são as áreas mais disputadas em ambos os países. Defenda a liberdade de imprensa, apoie o jornalismo independente e combata a deslegitimação sistemática do jornalismo baseado em fatos.
- Garanta a responsabilização horizontal. Os ataques à independência judicial e aos mecanismos de controle e equilíbrio de poderes são frequentes em todos os blocos. Fortalecer a resiliência institucional, documentar os ataques retóricos aos tribunais e construir coalizões para defender o Estado de direito.
- Monitore a acomodação da política tradicional. Observe se os partidos de centro-direita adotam noções de extrema direita. A detecção precoce do contágio permite mensagens corretivas e a formação de coalizões para resistir à normalização.
- Desenvolva contranarrativas. A retórica iliberal triunfa pela repetição. Os atores democráticos devem considerar de forma proativa a contestação e o pluralismo como pontos fortes, não como obstáculos.

Ao mensurar sistematicamente o discurso iliberal, esta abordagem começa a fornecer aos atores democráticos ferramen-

tas para identificar vulnerabilidades antes que elas se transformem em crises. Expandir essa estrutura para a Itália, o Brasil e outros países representa um próximo passo para mapear o repertório global de discursos iliberais e direcionar recursos para onde eles são mais necessários.

Referências

- Abou-Chadi, T. e Krause, W.** (2020): The causal effect of radical right success on mainstream parties' policy positions: A regression discontinuity approach, in: *British Journal of Political Science*, 50(3): 829–847.
- Dahl, R.** (1971): *Polyarchy: Participation and Opposition*. Yale University Press.
- Meguid, B.M.** (2008): *Party competition between unequals: Strategies and electoral fortunes in Western Europe*. Cambridge University Press.
- Mudde, C.** (2019): *The far right today*. Polity Press.
- Newth, G. e Scopelliti, A.** (2025): Common sense, populism, and reactionary politics on Twitter: An analysis of populist far-right common sense narratives between 2008 and 2022, in: *Party Politics*, 31(2): 375–391.
- Rovira Kaltwasser, C., Espinoza, G., Meléndez, C., Tanscheit, T. e Zanotti, L.** (2024): *Apoyo y rechazo a la ultraderecha: estudio comparado sobre Argentina, Brasil y Chile*. Fundación Friedrich Ebert en Chile. Available at: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/chile/21406.pdf>.

Sobre os autores

Lisa Zanotti é pesquisadora da Universidade Centro-Europeia em Budapeste, Hungria, e do Instituto de Pesquisa em Ciências Sociais da Universidad Diego Portales. Também é pesquisadora do Laboratório para o Estudo da Ultradireita (Ultra-Lab) em Santiago, Chile. Sua área de especialização é a política comparada, com foco particular em sistemas partidários, populismo e processos de radicalização, especialmente em relação à extrema direita na América Latina e na Europa Ocidental. Seus trabalhos foram publicados em periódicos como *Government & Opposition*, *Political Studies*, *Nations & Nationalism*, entre outros.

zanotti-anderloni@ceu.edu

Hugo Marcos-Marne é professor associado de Ciência Política e membro da Unidade de Pesquisa sobre Democracia (DRU) da Universidade de Salamanca, Espanha. Sua pesquisa se concentra em comportamento eleitoral, opinião pública e partidos políticos, com foco especial em partidos populistas e radicais.

marcosmarne@usal.es

Sobre Expedições Democráticas

Este ensaio baseia-se no artigo apresentado pelo autor no workshop [Contesting the Far Right, Safeguarding Democracy: Comparative Insights from Europe and Latin America](#). Organizado por [Daphne Halikiopoulou](#) (Universidade de York, Reino Unido) e [Carlos Meléndez](#) (Instituto da Democracia da Universidade Centro-Europeia [CEU], Budapeste), o workshop foi realizado no Instituto da Democracia da CEU, em Budapeste, em 22 e 23 de setembro de 2025. Foi a segunda edição das Expedições Democráticas, uma série de workshops internacionais de pesquisa, cuidadosamente elaborados e com acesso aberto, que visam jogar luz sobre questões pouco exploradas relativas a crises democráticas e lutas pela democratização. A iniciativa é uma parceria entre o Escritório Regional da Fundação Friedrich Ebert para a Democracia do Futuro, em Viena, o Instituto da Democracia da CEU e o Departamento de Ciência Política da CEU.

Impressão

Publicado por

Friedrich-Ebert-Stiftung e.V.
Godesberger Allee 149
53175 Bonn, Alemanha
info@fes.de

Departamento responsável

FES Regional Office for International Cooperation
Democracy of the Future
Reichsratsstr. 13/5
A-1010 Vienna

Contato

Filip Milačić
filip.milacic@fes.de

Tradução

Eduardo Szklarz

Design

pertext | www.pertext.de

As opiniões expressas nesta publicação não são necessariamente as da Fundação Friedrich Ebert (FES) ou da organização para a qual o autor trabalha. O uso comercial de materiais publicados pela FES não é permitido sem o consentimento por escrito da FES. As publicações da FES não podem ser utilizadas para fins eleitorais.

Dezembro 2025

© Friedrich-Ebert-Stiftung e.V.

Outras publicações da Friedrich-Ebert-Stiftung estão disponíveis em:

www.fes.de/publikationen



FES Regional Office for
International Cooperation

